



“Peixe sabido, que enxerga de longe”: Conhecimento ictiológico tradicional na Chapada Diamantina, Bahia

Flávia de Barros Prado Moura¹
José Geraldo Wanderley Marques²
Eliane Maria de Souza Nogueira³

¹PPG em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA
Museu de História Natural e Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde
Universidade Federal de Alagoas

²Universidade Estadual de Feira de Santana

³Universidade do Estado da Bahia

*Autor para correspondência

flavia.moura@pesquisador.cnpq.br

Rua Silvio Viana, 2343/302

Ponta Verde, CEP 57035-160, Maceió –AL, Brasil

Submetido em 29/01/2008
Aceito para publicação em 16/04/2008

Resumo

O conhecimento ictiológico tradicional de uma população de pescadores da Área de Proteção Ambiental (APA) de Marimbus-Iraquara (Bahia, Brasil) foi estudado neste trabalho. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas livres e semi-estruturadas, observações diretas, turnês guiadas e coletas de material zoológico. O conhecimento sobre comportamento de 21 espécies de peixes é apresentado. Os fenômenos etológicos percebidos e descritos pelos pescadores foram agrupados em 17 etnocategorias etológicas as quais se relacionam com: reprodução, comportamento de fuga, predação, comportamento social, ou ainda a respostas a estímulos artificiais. Os resultados revelam a existência de um amplo conhecimento ecológico tradicional sobre as espécies e os ecossistemas locais, particularmente no que se refere à ictiofauna.

Unitermos: Chapada Diamantina, conhecimento tradicional, Etnoecologia

Abstract

“Smart fish that can see at a distance”: Traditional ichthyological knowledge in the Chapada Diamantina region, Bahia. This paper examines the traditional ichthyological knowledge of a community of fishermen that live in the Marimbus-Iraquara environmental protection area (Bahia, Brazil). Data were collected using open and semi-structured interviews and field observation. Also, zoological materials were collected. Knowledge about the behavior of 21 fish species is reported. The ethological phenomena perceived by the fishermen were divided into 17 ethological categories related to reproduction, flight behavior, predation, social behavior, or response to artificial stimuli. The results of the study indicate the existence of a broad local ecological knowledge about species and ecosystems, particularly in relation to fish species.

Key words: Chapada Diamantina, traditional knowledge, Ethnoecology

Introdução

Nos últimos anos, pesquisas ecológicas em ecossistemas tropicais têm utilizado o conhecimento tradicional como ferramenta complementar para propor práticas de desenvolvimento com sustentabilidade ecológica e cultural (Posey, 1984; Overal e Posey, 1996) ou para o manejo e à conservação local de recursos (Morin-Labatut e Akatar, 1992).

Segundo Batista et al. (2007), uma forma de contribuir com a geração de informações sobre ecossistemas consiste no diálogo da ciência com os saberes das populações humanas locais, resultando em modelos de avaliação da integridade ecossistêmica e suas possíveis respostas às perturbações tanto naturais como antropogênicas.

No Brasil, diversas populações tradicionais habitam ecossistemas frágeis, alguns dos quais inseridos em Unidades de Conservação. Este trabalho tem como objetivo o estudo do conhecimento ictiológico de uma destas populações tradicionais – os pescadores do Remanso – que habita a Área de Proteção Ambiental (APA) Marimbus-Iraquara na Chapada Diamantina, Bahia.

As informações contidas neste trabalho podem contribuir para ampliar o conhecimento acadêmico sobre uma área pouco estudada. Santos (2003) realizou a caracterização da Ictiofauna na área do presente estudo (alto Paraguaçu) encontrando 63 espécies, das quais 10 são, provavelmente, novas para a ciência. Desta forma estudos sobre a ictiofauna na região são urgentes e as pesquisas com abordagem etnoictiológica podem ser particularmente reveladores na descoberta de aspectos comportamentais (Marques, 1991; 1995; Moura e Marques, 2007). Dados sobre a ecologia trófica também são discutidos neste trabalho, bem como dados comportamentais relacionados à captura de presas.

Material e Métodos

Área de estudo e população

A Chapada Diamantina é um extenso planalto (38.000km²), que corresponde a 15% do Estado da Bahia (Funch, 1997).

Em 1985, o Decreto nº 91655 criou o Parque Nacional da Chapada Diamantina, colocando parte da Chapada sob proteção da Legislação Federal. A Área de Proteção Ambiental de Marimbus-Iraquara foi criada pelo Decreto Estadual nº 2216, em 1993, visando ampliar o limite da área protegida (Urplan, 1996). A APA abrange 1.254km², com trechos de cinco municípios, três dos quais – Lençóis, Andaraí e Palmeiras – também têm parte de suas terras localizadas no Parque Nacional.

Na porção da APA a leste do Parque Nacional, a maior precipitação permite a ocorrência de matas mesófilas cujo estrato superior atinge cerca de 15 a 20m de altura. Nesta porção, devido à confluência de rios em uma zona de relevo muito plano, uma grande área marginal fica sujeita a inundações periódicas (Lima e Nolasco, 1997). As áreas periodicamente alagáveis, cobertas por vegetação hidrófila, principalmente das famílias Araceae e Cyperaceae, são denominadas localmente de marimbus. Matas, rios, lagoas e marimbus caracterizam e distinguem essas terras, onde está situado o povoado do Remanso, dando suporte a uma população de aproximadamente 206 pessoas que praticam agricultura de subsistência e pescam nos rios e lagoas.

O trabalho etnoecológico foi realizado com esta população devido aos seguintes aspectos: a) a riqueza de espécies e a singularidade dos ecossistemas por eles utilizados (matas, rios, lagoas e zonas alagáveis, que excetam suas terras da paisagem predominante na Chapada Diamantina, e conferem à área uma elevada riqueza de espécies própria das zonas ecotonais); b) o seu isolamento relativo (o acesso ao povoado ainda se faz por uma precária estrada não pavimentada, praticamente intransitável na estação das chuvas, vivendo a população sem acesso a serviços essenciais); c) maior vulnerabilidade aos impactos ambientais aos quais tanto o grupo humano quanto os ecossistemas estão sujeitos (provocados pelo turismo desordenado, feito em uma APA, e não em um Parque Nacional, como ocorre em outras áreas da Chapada); d) a escassez de dados relacionados à fauna da área dos marimbus; e) habilidade com a qual a população humana interage localmente com recursos naturais, principalmente com os recursos aquáticos, sendo reconhecidos na região como pescadores habilidosos.

Coleta de dados

O trabalho de campo envolveu uma aproximação inicial com a procura do presidente da associação dos moradores do Remanso e do agente de Saúde da comunidade. A partir de então foram realizadas entrevistas livres para sondagem inicial. Cinco pescadores foram escolhidos por serem apontados pela população local como os principais detentores de conhecimentos sobre peixes e pesca. De duas a cinco entrevistas temáticas foram realizadas com cada pescador. As entrevistas tiveram duração variando de 15 a 60 minutos e foram gravadas e transcritas em caderno de campo.

O modelo da união das diversas competências (Hays, 1976) foi utilizado para a sistematização dos dados. A técnica de grupos focais (Oliveira e Werba, 1999) foi adaptada à circunstância de formação espontânea de grupo, ou seja, aproveitando-se da existência de grupos formados para desempenho de atividades comunitárias rotineiras, tais como o conserto de redes e a limpeza de terrenos para plantio. A estes grupos submetiam-se perguntas, incentivando-se o debate informal, no qual o pesquisador assumia o papel de mediador. Neste caso, outros pescadores também foram ouvidos, além dos cinco pescadores “especialistas”.

Os peixes, que foram adquiridos com os pescadores sendo todos provenientes da pesca artesanal, foram preparados segundo as técnicas usuais para preservação de material zoológico e inseridos na coleção ictiológica da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde foram identificados por pesquisadores da UEFS.

Resultados e Discussão

Foram registradas informações sobre 18 espécies (Tabela 1), das quais três não são nativas. Os pescadores entrevistados conhecem tanto as espécies nativas quanto as exóticas introduzidas há cerca de 30 anos (*Cichla* cf. *temensis*, *Astronotus ocellatus*). Poucos dados foram revelados a respeito de uma espécie introduzida em 1994, segundo as informações locais, denominada, pela sua morfologia, de piaba-facão (*Triporthus guentheri*). Todos os peixes coletados foram tratados localmente como peixes distintos, apresentando correspondência

1/1 com espécies identificadas por taxonomistas. Embora algumas espécies recebam nomes locais diferentes, como no caso do cumbá, também chamado de mole ou de bate-papo, pode se afirmar que os nomes locais são sinônimos, pois o pescador reconhece se tratar do mesmo peixe.

TABELA 1: Lista dos nomes vernáculos de peixes dos ecossistemas aquáticos e respectiva correspondência.

NOMES VERNÁCULOS	ESPÉCIE
Apanhari**	<i>Astronotus ocellatus</i> (Cuvier, 1829)
Matrinchã*	<i>Brycon lundii</i> (Reinhardt, 1877)
Cari	<i>Hypostomus</i> sp.
Corró-preto	<i>Geophagus brasiliensis</i> (Quoy & Gaimard, 1824)
Corró branco	<i>Cichlasoma sanctifranciscense</i> Kullander, 1983
Crumatá	<i>Prochilodus affinis</i> Reinhardt, 1874
Cumbá/ Molé /Bate-papo	<i>Parauchenipterus galeatus</i> (Linnaeus, 1766)
Jundiá	<i>Rhamdia</i> cf. <i>quelen</i> (Quoy & Gaimard, 1824)
Peixe-cachorro/ Dourado	<i>Acestrorhynchus</i> cf. <i>falcatus</i> (Bloch, 1794)
Peixe-cobra	<i>Gymnotus carapo</i> Linnaeus, 1758
Piaba	<i>Astyanax fasciatus</i> (Cuvier, 1819)
Piaba-dedo-de-moça	<i>Astyanax bimaculatus lacustris</i> (Reinhardt, 1874)
Piaba-facão**	<i>Triporthus guentheri</i> (Garman, 1890)
Piau	<i>Leporinus bahiensis</i> (Steindachner, 1875)
Pirá*	<i>Conorhynchus conirostris</i> (Valenciennes, 1840)
Piranha	<i>Serrasalmus brandtii</i> Reinhardt, 1874.
Sabarona	<i>Steindachnerina elegans</i> (Steindachner, 1875)
Traíra- cabeça- fina/ Guelra-de-veludo	<i>Hoplias</i> cf. <i>lacerdae</i> Ribeiro, 1908
Traíra-cabeça-de-lama	<i>Hoplias malabaricus</i> (Bloch, 1794)
Tucunaré **	<i>Cichla</i> cf. <i>temensis</i> Humboldt, 1833
Uiú	<i>Hoplerthrinus unitaeniatus</i> (Schneider, 1829)

*peixe não coletado, identificado através de dados da literatura para a área de estudo (Santos, 2003); **espécie exótica.

Os pescadores entrevistados demonstraram conhecer aspectos comportamentais apresentados pelos peixes. Os fenômenos etológicos por eles percebidos e descritos foram agrupados em 17 “etnocategorias etológicas”, ou seja, categorias locais sobre o comportamento dos peixes, as quais se relacionam com: reprodução, comportamento de fuga, predação, comportamento social, ou ainda a respostas a estímulos artificiais (Tabela 2).

Diversos autores têm registrado a riqueza do conhecimento possuído por pescadores tradicionais com relação à etologia, ressaltando a sua importância como caráter adaptativo no sucesso do pescador/predador na captura do peixe/presa (Morril, 1967; Marques, 1995). A utilidade deste conhecimento no Remanso pode ser constatada pelo fato de que 10 das 17 etnocategorias

indicam comportamentos de respostas a estímulos artificiais. Duas delas – “peixe cismado” e “peixe velhaco” / “peixe sabido” – sugerem uma possível habituação, por parte do peixe/presa, às estratégias do pescador/predador. Entre os peixes “cismados” os pescadores citam a traíra-cabeça-fina, que, por ser “cismada” (ou seja, desconfiada), dificilmente cai em armadilha, ao contrário da traíra-cabeça-de-lama, facilmente capturada por meio de manzoás.¹ Como peixe “sabido” citam o apanharí, que embora abundante nos ecossistemas locais, dificilmente é encontrado nas redes. Isso ocorre, segundo as informações dos pescadores, porque o peixe evita os locais onde são colocadas as redes e pode inclusive “passar de banda” pelas malhas para evitar que os espinhos das duas

TABELA 2: Etnocategorias etológicas identificadas a partir das entrevistas com pescadores do povoado do Remanso, Chapada Diamantina-BA

ETNOCATEGORIA ETOLÓGICA	SIGNIFICADO	DENOMINAÇÃO LOCAL
Peixe cismado/ velhaco	Comportamento arisco	Traíra cabeça fina
Peixe sabido	Difícil de capturar	Apanharí
Peixe que enxerga de longe	Visão aguçada	Apanharí
Peixe que anda de noite	Hábito noturno	Jundiá, molé
Peixe que dorme cedo	Hábito diurno	Apanharí
Peixe malvado	Predador voraz	Traíra cabeça fina
Peixe mole/besta	Alta fagicidade	Crumatá, pilaquis
Peixe que vomita	Regurgitação de alimentos	Piau, molé, traíra
Peixe que corta	Ingestão de pedaços das presas	Traíra, piranha
Peixe que come engolindo	Ingestão de presas inteiras	Tucunaré
Peixe que faz ninho/peixe que bota sentido	Nidificação e proteção da prole	Apanharí, tucunaré, corró
Peixe valente	Agressão em defesa da prole	Corró, apanharí
Peixe que desova nas águas	Desova associada ao período de enchentes	Crumatá, piau, molé, piaba
Peixe que ronca	Manifestação acústica	Piau, piaba, molé
Peixe que viaja	Migração	Crumatá
Peixe que tem gênio	Resistência ao predador, mesmo após a captura	Traíra cabeça fina, piranha
Peixe que anda de rebanho	Formação de cardumes	Uiú, molé, crumatá e jundiá

¹ Armadilha de pesca feita com cipó.

nadadeiras dorsais fiquem presos. Podem ainda “voltar de ré”, quando percebem a proximidade da armadilha. Assim, os pescadores afirmam que sua captura em malhas só ocorre quando eles estão “distraídos”. A capacidade do apanhador de evitar as armadilhas só é possível, segundo eles, porque o apanhador possui uma visão aguçada, sendo também inserido na categoria dos peixes que “enxerga de longe”.

Duas categorias opostas: “peixe que anda de noite” e “peixe que dorme cedo”, relacionadas, respectivamente, à percepção do pescador sobre hábitos noturnos e diurnos, determinam a escolha do horário para a prática da atividade pesqueira. Para alguns pescadores a pesca noturna pode ser mais produtiva, principalmente nas “quadras de lua”, quando, segundo eles, está mais escuro. Os pescadores dizem ainda que os peixes mais pescados durante a noite são o cumbá e o jundiá.

Sobre os estilos reprodutivos² seis diferentes categorias puderam ser identificadas, sendo três associadas a espécies guardadoras de ovos e outras três relacionadas a espécies não guardadoras. As primeiras são denominadas de “peixe que bota sentido ao ninho”, “peixe que faz ninho” ou ainda “peixe valente”. Esta última categoria refere-se ao comportamento de defesa apresentado por peixes de algumas espécies, os quais são capazes de enfrentar predadores maiores para proteger a prole. Sobre as espécies não guardadoras, foram identificadas as categorias: “peixes que desovam nas águas” (associando-se a desova ao período de enchentes) e “peixes que viajam” (referindo-se às migrações com finalidades reprodutivas). A terceira categoria entre os peixes não guardadores é a dos “peixes que roncam”, referindo-se aos que produzem sons na época da desova.

Sobre a ecologia trófica identificam-se cinco categorias: “peixe malvado” (ou seja, predador voraz); “peixe que come engolindo” (espécies que ingerem a presa inteira); “peixe que corta” (espécies que ingerem pedaços das presas); “peixe que vomita” (espécies que regurgitam), “peixe besta” (espécies de alta fagividade).

A categoria “peixe de rebanho” relaciona-se às espécies que encardumam. A última categoria – “peixe de gênio” – refere-se às espécies que após a captura oferecem resistência, lutando e debatendo-se dentro da canoa após a captura.

Devido à escassez de dados sobre o comportamento trófico e reprodutivo das espécies mencionadas neste trabalho, as informações dos pescadores representam contribuições potenciais e importantes para o conhecimento acadêmico acerca da ecologia destas espécies.

O conhecimento localmente possuído sobre como as espécies se inserem no complexo reticulado trófico ecossistêmico é detalhado, tanto com relação aos componentes das cadeias que têm como consumidores primários espécies iliófagas (lodo/lama), quanto herbívoros (frutos/partes vegetais).

De acordo com a dieta mencionada foi possível agrupar os peixes em oito diferentes etnocategorias tróficas – ictiofagia/canibalismo, ovivoria, insetivoria, iliofagia, necrofagia, frugivoria, onivoria, carcinofagia (Tabela 3), comuns à classificação da teoria ecológica. De acordo com a dieta, também foi possível identificar peixes especializados (piscívoros e iliófagos) e generalistas (onívoros/opportunistas). Baseados nas informações, dois modelos contendo fragmentos de redes alimentares do tipo comedor-comido foram elaborados (Figuras 1 e 2), tendo o primeiro, como consumidores primários espécies iliófagas, e o segundo espécies frugívoras.

Segundo Lowe-McConnell (1987), as cadeias alimentares neotropicais são geralmente complexas; à etnoictiologia cabe contribuir para elucidação dessa complexidade. Um exemplo a esse respeito encontra-se no trabalho de Marques (1991), no qual, a partir de informações dos pescadores, foi possível a elaboração de uma hipótese, aparentemente pouco plausível, sobre um item importante na alimentação de um bagre da família Ariidae. A confirmação da hipótese, pelo próprio autor, veio a complementar o conhecimento científico sobre a ecologia trófica da espécie.

² Grau de cuidado que os pais dispensam à prole, associado a outras características como ambiente selecionado para a disposição de ovos ou gametas (Vazzoler, 1996).

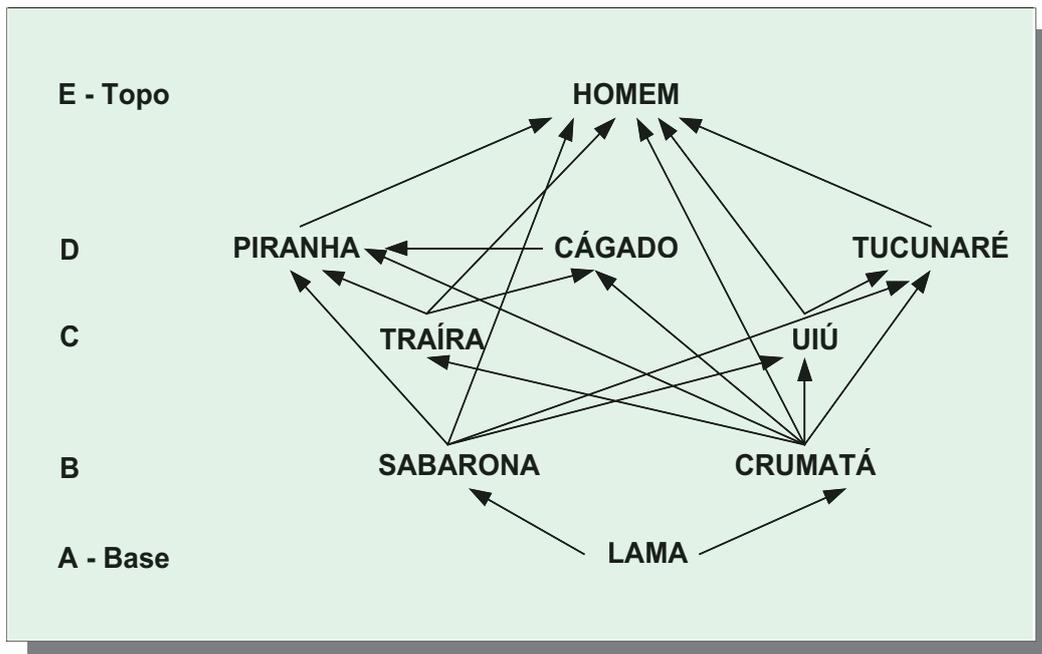


FIGURA 1: Modelo trófico, segundo pescadores do Remanso (BA), com cinco níveis, tendo como consumidores primários espécies iliófagas.

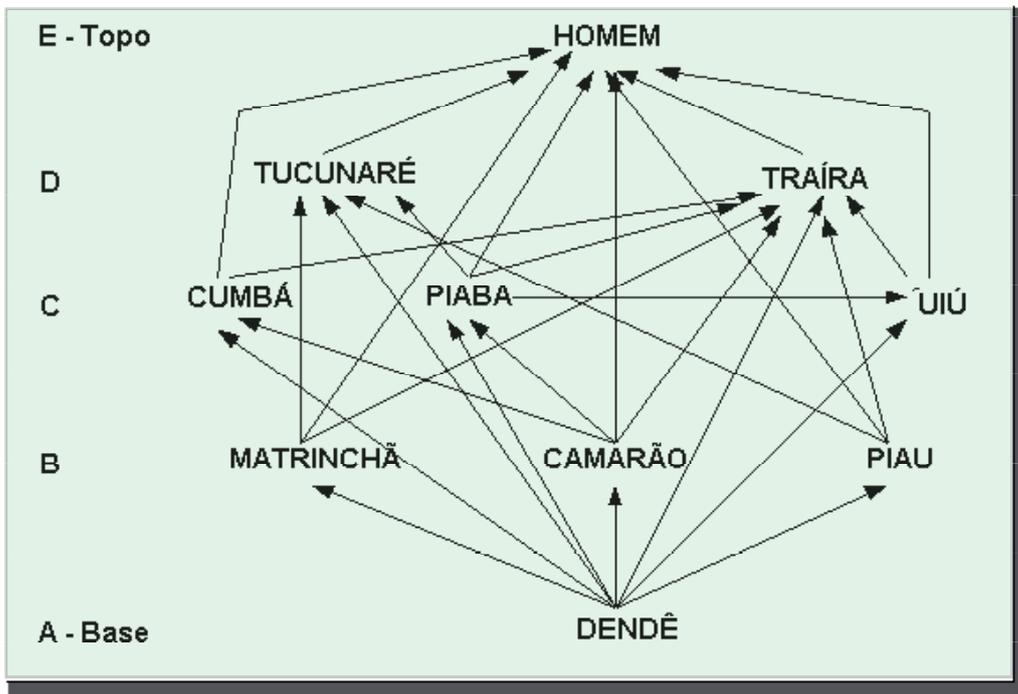


FIGURA 2: Modelo trófico, segundo pescadores do Remanso (BA), com cinco níveis, tendo como consumidores primários espécies frugívoras.

TABELA 3: Percepção de pescadores entrevistados no Remanso (BA) sobre ecologia trófica dos peixes. Grifo para o trecho que se refere ao item alimentar em questão.

CATEGORIA TRÓFICA	CITAÇÃO DO PESCADOR ENTREVISTADO
Ictiofagia/ canibalismo	<ul style="list-style-type: none"> • “piranha come a outra malhada na rede”. • “tucunaré come piaba, corró tudo miudinho; traíra, curimatazinha”. • “traíra come engolido, engole cágado, corró, piau, trairinha, piranha e crumatá”. • “uiu come os outros peixes, quando ele tá danado come até uns os outros”.
ovivoria	• “corró come a ova de tudo que é peixe. ele é um danado”.
insetivoria	• “o jundiá come a mariposa ”.
iliofagia	• “a sabarona come lama que nem a crumatá”.
necrofagia	• “uiu é a pior imundice: <u>come gente morta, cavalo</u> , até sai da água pra comer carniça ”.
frugivoria	<ul style="list-style-type: none"> • “pau jaú, a matrinhã avoa em riba, muricí, gameleira e araticum”. • “piau, apanharí, corro preto e uiú come fruto do pau jaú; a piaba zoião e a piaba facão”. • “apanharí e piau <u>come murici</u>, come pinha da beira d’água”. • “molé come gameleira e jenipapo”. • “coco é de comer de peixe; de piau. Ingá vai apodrecendo e piau apanhari e crumatá come”. • “pega um cumbá e abre a barriga; tá cheia de araçá e jenipapo”.
onivoria	<ul style="list-style-type: none"> • “apanharí come piaba, isca do chão, tudo quanto é inseto e micróbio de lagoa; cabeça de prego. ele limpa, só vevi gordo”. • “cumbá come lodo e quando é tempo de mariposa ele come tudo ... come muricí, jenipapo, gameleira, lodo, lama, fio de abeia, cupim, coco de dendê”.
carcinofagia	• “cumbá, apanhari, traíra, piau, tucunaré e piaba; tudo come camarão ”.

No Remanso, o reticulado trófico que emergiu a partir das informações é complexo, tendo as cadeias aquáticas de quatro a cinco níveis. As cadeias podem ter em sua base tanto frugívoros/herbívoros como iliofagos. Muitas espécies podem ocupar simultaneamente o papel de predador e presa, mesmo aquelas consideradas pela literatura como “predadores de topo”, como é o caso da piranha e da traíra, as quais, quando presas a redes de pesca, passam a presas fáceis para espécies piscívoras como a própria piranha e o cágado. A alta fagicidade de espécies iliofagas no modelo descrito pelos pescadores está de acordo com o encontrado por diversos autores em estudos ecológicos de outras bacias hidrográficas (Marques, 1995; Costa-Neto, 1998). Segundo Lowe-McConnell (1987) os peixes detritívoros constituem a base da maioria das cadeias tróficas tropicais. A participação de itens provenientes da mata ciliar também parece ter uma importância fundamental na dieta dos peixes e embora nenhuma espécie tenha sido apresentada como exclusivamente frugívora, 11, entre 21 espécies apresentaram “frutas” como um dos itens da dieta.

Entre os “predadores de topo” estão o tucunaré, a piranha, a traíra-cabeça-de-lama e a traíra-cabeça-fina. As demais espécies podem ocupar entre o primeiro e o

terceiro nível da cadeia, uma vez que sendo onívoras, podem alimentar-se tanto de frutos ou partes vegetais, quanto de camarão, peixes pequenos e ovas, insetos autóctones e alóctones, além de anelídeos localmente conhecidos como “isca do chão”. Estes itens compõem, em maior ou menor proporção, a dieta de peixes como: o apanhari, o jundiá, o piau, a piaba, o uiú e o cumbá. Dois destes – uiú e piau – são apontados também como comedores de “carniça”, vez que incluem nas suas dietas animais em decomposição.

O sucesso do pescador/predador na captura do peixe/presa passa necessariamente pela adequação da técnica utilizada, ressaltando uma forte conexão entre *corpus* e *praxis*, na apropriação dos recursos naturais. No caso da dieta e do comportamento alimentar dos peixes, a inserção do pescador/predador é feita através da manipulação de elos da cadeia trófica, a partir da inserção de “iscas”, durante a pescaria.

A constatação da consistência do conhecimento de pescadores sobre a dieta tem sido encontrada em outras populações humanas, mostrando que o conhecimento de pescadores tradicionais sobre a ecologia trófica dos peixes é um fenômeno amplo (Marques, 1995;

Costa-Neto, 1998; Mourão, 2000). No Remanso, assim como verificado para as outras populações, trata-se de um conhecimento de grande valor adaptativo para o pescador/predador, uma vez que, com base nestes conhecimentos, as populações de pescadores são capazes de aumentar o retorno da atividade pesqueira ou direcionar a captura de uma espécie desejada. Assim, por exemplo, as “iscas” podem constituir-se de frutos, insetos, ou peixes, para capturar piau, molé e traíra, peixes que têm “preferência”, respectivamente, por cada um destes itens. A partir do conhecimento sobre “preferência” alimentar, os pescadores são capazes de adicionar itens alóctones que não fazem parte da dieta natural dos peixes, tais como milho, bolinhos de farinha, frutos de dendê e ninhos de insetos sociais, como abelhas e térmitas. Dentre estes processos por eles utilizados, o uso do ninho da abelha ou de cupim mostra-se como um procedimento recorrente na atividade pesqueira artesanal, tendo sido registrado para outras populações de pescadores tradicionais (Marques, 1995; Costa-Neto, 1998). A partir da utilização de ninhos de abelha ou “fio-da-abeia”, “sapecado no fogo” bem como do ninho de cupim *in natura*, inseridos em uma armadilha local denominada “manzoá”, os pescadores capturam peixes como o molé, o apanharí o piau e a traíra-cabeça-de-lama.

Dois memes³ bastante conhecidos entre a população local não são completamente sustentados pela literatura atual. Ambos incluem espécies da família *Erythrinidae*. O primeiro relaciona-se à traíra-cabeça-de-lama e é composto dos seguintes elementos: 1) “a traíra engole o peixe inteiro mais não constrói, não defeca”; 2) “a traíra engole sempre pela cabeça nunca pelo cabo”; 3) “a traíra engoliu ontem, passou hoje, amanhã ela vomita; quando vai apodrecendo é vomitado pra fora”. O segundo meme diz respeito ao uiú e sugere que o animal é capaz de deslocar-se por terra em busca de animais mortos às margens dos rios para alimentar-se (“uiú sai da água prá comer carniça”). Com relação ao primeiro meme, embora a literatura afirme que algumas espécies de peixes podem regurgitar partes não digeríveis

(Vazzoler, 1996), a informação não foi encontrada para a traíra, não obstante o grande número de trabalhos sobre a alimentação destas espécies (Caramaschi, 1979; Nomura, 1976; Konrad, 2001). É possível que este meme derive, portanto, da interpretação equivocada do fenômeno pelo qual o peixe utiliza-se da eversão estomacal como estratégia de fuga, e não para eliminar partes indigeríveis ou em fase de decomposição. Com relação ao segundo meme, a literatura sustenta, pelo menos parcialmente as informações locais. Segundo Wellcome (1985), algumas espécies de peixes são capazes de realizar migrações sobre terra seca, inclusive espécies da família *Erythrinidae*. Embora relatos sobre peixes migrando sobre terra sejam sempre relacionados a deslocamentos em períodos secos em busca de lagoas mais profundas, é plausível pensar-se que funcione também como estratégia de forrageio.

Os resultados aqui apresentados refletem a existência de um amplo conhecimento ecológico local no que se refere à ictiofauna. O diálogo entre o conhecimento tradicional e o conhecimento científico pode contribuir para a adoção de políticas de gestão dos recursos naturais na área de estudo, considerando-se principalmente a escassez de dados científicos sobre os ecossistemas aquáticos da Chapada Diamantina.

Agradecimentos

A primeira autora agradece a toda a população do Remanso, especialmente ao Agente de Saúde Natalino Nascimento, pela fundamental ajuda no trabalho de campo. Agradece também à equipe de Ictiólogos da UEFS, especialmente ao Prof. Dr. Alexandre C. A. Santos pela identificação do material.

Referências

Batista, V. S.; Ribeiro, M. O. A. ; Fabr , N. N. 2007. O conhecimento tradicional e a abordagem ecossistêmica no manejo da várzea na Amazônia. In: Moura, F. B. P. (org.). **Conhecimento tradicional e estratégias de sobrevivência de popula es brasileiras**. v.1. 1^a ed. EDUFAL, Maceió, Brasil, p.104-119.

³ Unidade básica da transmissão cultural ou da imita o, ou seja, unidades que se propagam de um cérebro para outro através da linguagem (Dawkins, 1989).

- Caramaschi, E. M. P. 1979. **Reprodução e alimentação de *Hoplias malabaricus* (Bloch, 1974) na represa do Rio Pardo (Botucatu, SP)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Brasil, 144pp.
- Costa-Neto, E. M. 1998. **Etnoictiologia, desenvolvimento e sustentabilidade no litoral norte baiano. Um estudo de caso entre pescadores do município de Conde**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Alagoas, Brasil, 168pp.
- Funch, R. 1997. **Um guia para o visitante da Chapada Diamantina: O circuito do diamante**. Coleção Apoio, nº 15. Empresa Gráfica da Bahia, Salvador, Brasil, 209pp.
- Hays, T. E. 1976. An empirical method for the identification of covert categories in Ethnobiology. **American Ethnologist**, 3: 485-507.
- Konrad, H. G. 2001. **Diversidade, distribuição espaço-temporal e ecologia trófica de peixes do rio Camaquã, RS**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos, Brasil, 214pp.
- Lowe-McConnell, R. H. 1987. **Ecological studies in tropical fish communities**. Cambridge University Press, Cambridge, UK, 381pp.
- Marques, J. G. W. 1991. **Aspectos ecológicos na etnoictiologia dos pescadores do complexo estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba, Alagoas**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Brasil, 274pp.
- Marques, J. G. W. 1995. **Pescando pescadores: Etnoecologia abrangente no baixo São Francisco alagoano**. NUPAUB, USP, São Paulo, Brasil, 258pp.
- Morril, W. T. 1967. Ethnoichthyology of the Cha-Cha. **Ethnology**, 6: 405-417.
- Morin- Labatut, G.; Akatar, S. 1992 Traditional knowledge: A resource to manage and share. **Development**, 4: 24-30.
- Moura, F. B. P.; Marques, J. G. W. 2007a. Conhecimento de pescadores tradicionais sobre a dinâmica espaço-temporal de recursos naturais na Chapada Diamantina, Bahia. **Biota Neotropica**, 7 (3): <<http://www.biotaneotropica.org.br/v7n3/pt>>.
- Moura, F. B. P.; Marques, J. G. W. 2007b. Etnobotânica na Chapada Diamantina, Bahia. In: Moura, F. B. P. (org.). **Conhecimento tradicional e estratégias de sobrevivência em ecossistemas brasileiros**. v.1. 1ª ed. EDUFAL, Maceió, Brasil, p.104-119.
- Mourão, J. S. 2000. **Classificação e ecologia de peixes estuarinos por pescadores do estuário do rio Mamanguape (PB)**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos, Brasil, 130pp.
- Nomura, H., 1976. **Ictiologia e Piscicultura**. Nobel, São Paulo, SP.
- Oliveira F. O.; Werba, G. C. 1999. Representações sociais. In: Jacques, M. G. C. & Strey, M. N. (orgs). **Psicologia Social Contemporânea**. 3ª ed. Vozes, Petrópolis, Brasil, p.104-117.
- Overall, W. L.; Posey, D. A. 1996. Práticas agrárias dos índios Kayapós do Pará: Subsídios para o desenvolvimento da Amazonia. In: Pavan, C. (org). **Uma estratégia latino-americana para a Amazônia**. Memorial, São Paulo, Brasil, p. 295-303.
- Posey, D. A. 1984. Ethnoecology as applied anthropology in Amazonian development. **Human Organization**, 43 (2): 95-107.
- Santos, A. C. A. 2003. **Caracterização da ictiofauna do alto rio Paraguaçu, com ênfase nos rios Santo Antônio e São José, Chapada Diamantina, Bahia**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Rio de Janeiro, Brasil, 215pp.
- Urplan. 1996. **Área de Proteção Ambiental Marimbus-Iraquara: Diagnóstico do meio físico, biótico e sócio econômico**. Governo do Estado da Bahia, SECULT/ Coordenadoria de Desenvolvimento e Turismo, Salvador, Brasil, 166pp.
- Vazzoler, A. E. A. de M. 1996. **Biologia da reprodução de peixes teleósteos: Teoria e prática**. EDUEM, Maringá, Brasil, 169pp.
- Wellcome, R. L. 1985. **River fisheries**. Fao Fisheries Technical Paper, Food and Agriculture Organization of the United Nations, Rome, Italy, 330pp.